

Resenha

Economia internacional: teoria e política*

Carlos A. Cinquetti**

Os autores desse livro-texto, Krugman e Obstfeld, são dois jovens e já renomados economistas em comércio e finanças internacionais, respectivamente. E o produto dessa colaboração é uma obra de fôlego, com ampla cobertura dos principais temas sobre comércio e finanças (ou macroeconomia) internacionais, espalhados pelos seus 23 capítulos mais o apêndice matemático, o que resulta numa impossível apreciação autorizada e cuidadosa desse livro no curto espaço que nos cabe para uma resenha, senão recortando a obra por um critério qualquer. É o que faremos aqui, optando por comentar a parte do livro que cuida de comércio internacional.

De um modo geral, os textos de apresentação e desenvolvimento das teorias, no livro, são bem detalhados, complementados, ainda, por estudos de caso e quadros especiais que enriquecem e facilitam o aprendizado das teorias. A forma de desenvolvimento matemático das teorias no texto principal dos capítulos segue o formato dos demais livros-texto: expressões algébricas simples acompanhadas de gráficos e suplementadas, por vezes, por apêndices que tratam com maior rigor certas relações lógicas. No entanto, o apêndice matemático ao fim do livro, que desenvolve com maior precisão ainda as principais proposições teóricas, é algo que diferencia o presente manual dos demais. Serve muito bem para estimular aqueles alunos mais destacados e mesmo para treinar toda a turma em um raciocínio matemático mais avançado.

Nem todas as novidades do livro, porém, agradarão ao leitor especializado. Uma destas é a escassa atenção dada às pioneiras contribuições científicas nessa área. Por exemplo, para introduzir a questão dos ganhos e dos padrões de comércio, os autores tomaram por eixo algumas questões atuais, muito bem

* Paul R. Krugman e Maurice Obstfeld. **Economia Internacional: Teoria e Política**. 4.ed. São Paulo: Makron Books. 809 pgs.

** Ph.D em Economia, Professor do Departamento de Economia da UNESP, Araraquara-SP.

escolhidas, mas não fazem qualquer referência aos mercantilistas e a Adam Smith. Perderam uma ótima oportunidade de esclarecer melhor as idéias por meio de sua evolução histórica, assim como a de reforçar uma noção sobre ganhos simultâneos (aos países) do comércio internacional que se assenta nas importações, ainda que contemple os ganhos de escala dos exportadores.

Por outro lado, o livro traz uma novidade que, certamente, agradará àqueles economistas afeiçoados à economia política clássica. Logo após apresentarem, no Capítulo 2, o modelo simples de um fator de produção para discutir as noções de vantagens comparativas e absolutas e os conseqüentes mal-entendidos em torno dos padrões e dos ganhos de comércio, os autores dão seqüência com um capítulo dedicado à economia política do comércio. Mais precisamente, após mostrarem os ganhos gerais e simultâneos de comércio para as nações, eles introduzem um modelo com dois fatores específicos de produção, onde podemos identificar os prejuízos que determinados grupos podem sofrer com a abertura comercial. Daí, segue uma discussão em torno da economia política do comércio.

Evidentemente, essa mudança na especificação do modelo, visando introduzir o problema de distribuição que estaria ausente nos autores clássicos¹, não é necessária à teoria do valor trabalho desses autores, mas apenas à leitura neoclássica dos mesmos. Krugman e Obstfeld não percebem, como a grande maioria dos economistas neoclássicos, a independência entre produção e distribuição nos clássicos, isto é, entre origem do valor e formação de preços. Com efeito, a teoria do valor trabalho não pode ser confundida com uma teoria de um fator que desconsidera as diferentes tecnologias de capital (ou trabalho morto) e trabalho e seus impactos sobre a distribuição de rendas. Vale salientar que a análise de Ricardo traz, sim, previsões do impacto diferenciado da abertura sobre as rendas, sendo este, ao que consta, o motivo principal para o termo “Economia Política” no título de sua obra.

A exposição da teoria das dotações de fatores, Capítulos 4 e 5, é muito didática e original, no que se incluem os apêndices matemáticos dos capítulos e do livro. Um ponto que fica a desejar é o tratamento do tema “comércio e crescimento”. Se, por um lado, os autores foram bastante felizes ao demonstrar o Teorema de Heckscher-Ohlin (H-O) usando as mudanças de dotações e o “diagrama de caixas”, por outro, não fizeram a devida discriminação dos proble-

¹ Na edição portuguesa, saiu “(...) estes autores assumem o problema da distribuição (...)”, quando o original é “(...) assumes away (...)”. Este é um dos trechos onde a tradução compromete seriamente a obra.

mas que demarcam o campo das teorias de crescimento com comércio dentro dessa tradição teórica. Optou-se por uma abordagem simplesmente didática, em prejuízo de uma clara delimitação dos problemas teóricos. Este, certamente, não é um problema trivial, no qual está envolvida a preferência das editoras. Note-se, porém, que o descuido com o tema crescimento reaparece adiante na obra.

Já o tratamento das teorias do comércio internacional sob concorrência imperfeita, Capítulo 6, pode ser qualificado de exímio, irreparável — algo bem esperado, posto a proeminência de Krugman no que ficou convencionado como “nova teoria do comércio internacional”. Tudo é considerado — economias internas, economias externas, concorrência monopolista, comércio intra-indústria, *dumping*, etc. — e de um modo bem elaborado. O desenvolvimento matemático do modelo de concorrência monopolista, por exemplo, é muito acessível, derivando os principais resultados, tais como os ganhos de produtividade e diversificação do comércio internacional, a razão para a especialização das firmas e a indeterminação de sua direção. Também é mostrado como as dotações de fatores continuam ditando a direção do comércio, embora numa forma nova, combinando comércio inter e intra-indústria. Não é destacado, porém, como as dotações perdem esse papel sob a presença de externalidades, embora a seção dedicada às economias externas cuide, dentre outras coisas, de apontar a possibilidade de o comércio internacional levar a uma piora na situação de bem-estar de países.

O último capítulo da Parte I, Teoria do Comércio Internacional, é dedicado aos movimentos internacionais de fatores. Interessa-nos, aqui, destacar o tratamento da mobilidade de capital sob a forma de investimento direto estrangeiro (IDE), o principal tópico desse capítulo. O problema teórico é introduzido muito apropriadamente: a existência de firmas vendendo seus produtos em vários países, mas não via comércio internacional e sim via subsidiárias instaladas naqueles países. O que determina essa locação da produção? O que determina que a produção no país forâneo se dê por meio de subsidiárias e não por licenciamento de tecnologias? As questões são bem respondidas, seguindo a abordagem de Dunning. Não obstante, estranhemos que a análise não tenha se estendido para o problema da transferência de tecnologias e do desenvolvimento do país receptor do IDE, para o qual Krugman teve uma contribuição destacada.

De fato, a ausência de uma discussão sobre “fluxo internacional de conhecimentos e inovação tecnológica”, base da análise das vantagens comparativas dinâmicas, constitui uma lacuna importante da parte teórica do livro. Essa é uma área que vem ganhando enorme atenção, pois é a que melhor se habilita para explicar as profundas transformações no padrão de comércio entre as nações, que testemunhamos na segunda metade do século que passou, assim

como para pensar estratégias de especialização para os países. Também porque, na opinião deste resenhista, é a que pode prover boas respostas para a última leva de pesquisas empíricas que desacreditam o Teorema de H-O, reportadas no livro.

Alguns temas teóricos remanescentes são discutidos na Parte II, Políticas do Comércio Internacional, a qual apresenta uma ampla e bem montada análise do tema proposto. Por exemplo, a análise dos ganhos e das perdas das tarifas por meio de uma análise gráfica do excedente do produtor e do consumidor identifica com clareza o problema. Do ponto de vista analítico, o mais forte do capítulo é a análise comparada, no apêndice do mesmo, dos efeitos das tarifas numa economia competitiva (pequena e grande) e numa economia sob monopólio, e, finalmente, dos efeitos das quotas. Outros instrumentos de política comercial são também tratados no texto principal do capítulo.

Em consonância com o exposto na Parte I, o capítulo seguinte sobre a “economia política da política comercial” é aberto com a idéia de que os economistas, em geral, preferem as políticas de livre comércio à proteção pelos ganhos nacionais das primeiras em contraposição aos ganhos particulares que movem as últimas. O exemplo do acordo de 1992 na Europa é trazido como ilustração. Não obstante, os autores investigam o caso das “falhas de mercado” que levam a situações onde o retorno social de uma atividade é superior ao retorno privado, justificando a tese da proteção como o “segundo melhor”. Mas a idéia é defendida com muita cautela pelos autores, que ressaltam a dificuldade de identificar com precisão as “falhas” e o verdadeiro potencial futuro dos setores beneficiados pela proteção. A análise culmina com uma discussão muito boa dos interesses que moldam o processo político, onde é destacado o problema da “ação coletiva” e os modelos de representação política enviesados pelas contribuições financeiras.

Dois capítulos (10 e 11) são, então, dedicados às políticas comerciais nos países em desenvolvimento e desenvolvidos respectivamente. O foco do Capítulo 10 é a noção do desenvolvimento como industrialização, que deu base às políticas de “industrialização via substituição de importações e de industrialização orientada para as exportações”. Predomina um tom crítico na análise das primeiras, mas de uma forma bem circunstanciada, tanto na justificativa teórica pró-substituição de importações quanto nos problemas que levaram ao fracasso de muitas dessas experiências. Igualmente, a análise da industrialização orientada para fora, além de identificar bem os principais traços dessa experiência política, questiona alguns mitos em torno delas, como o da ausência de intervenção e o das exportações como alavanca do crescimento.

Em verdade, o problema do “desenvolvimento e comércio” é tratado de uma maneira bem tímida, com os autores mostrando incerteza sobre a tese de que

estratégias de investimentos explicam boa parte do sucesso da experiência das economias do Leste Asiático. Existe já uma boa literatura demonstrando que o crescimento não vem, necessariamente, na esteira do comércio e que a ampla maioria dos trabalhos empíricos associando protecionismo a baixo crescimento é dominada por problemas.² O que se sustenta é que, em larga medida, o crescimento econômico não se explica pelos microfundamentos ou pela eficiência alocativa.

Finalizando, o livro de Krugman e Obstfeld traz ao leitor brasileiro uma excelente e agradável oportunidade de aprendizagem. As falhas e pontos incompletos, inevitáveis aos manuais, não fazem sombra ao brilho de suas virtudes. As mais sérias, talvez, sejam as falhas da tradução, que tornam alguns pontos incompreensíveis, quando não comprometem o sentido original, um problema de certo modo inaceitável, posto o preço que o livro está sendo vendido. Em parte, o consumidor brasileiro está tendo a oportunidade de comparar essa relação custo/benefício com outras opções editoriais.

De fato, a considerar pelas oportunidades editoriais, são grandes as chances de que as próximas gerações de economistas brasileiros saiam com uma formação bem mais sólida e aberta, com respeito a comércio internacional, do que as anteriores, cujo medo do comércio levou a uma experiência pouco frutífera de política comercial.

² Ver, por exemplo, Dani Rodrick (1998), **The new global economy and developing countries**: making openness work. Washington : DC; Francisco Rodriguez e Dani Rodrick, (1999), **Trade policy and economic growth**: a skeptic's guide to the cross-nations evidence. Cambridge, MA (arquivo capturado em março de 2000, via Internet [<http://www.ksg.harvard.edu/rodrick/skepti1299.pdf>]).